

Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão?

Hartmut Günther

Resumo: Diante da falta de diálogo entre pesquisadores qualitativos e quantitativos, este artigo adota uma posição 'ecumênica'. Argumentamos que ambas as abordagens têm suas vantagens, desvantagens, pontos positivos e pontos negativos, considerando que o método escolhido deve se adequar à pergunta de uma determinada pesquisa. O trabalho apresenta algumas diferenciações entre a pesquisa qualitativa (PQL) e a pesquisa quantitativa (PQN). Em seguida, aponta a complexidade da PQL em termos de pressupostos, coleta, transcrição e análise de dados. Discutimos, também, critérios de qualidade para a PQL. Concluí com considerações sobre as conseqüências para a pesquisa, ao se optar pela PQL e/ou pela PQN.

Ao considerar como objeto de estudo do cientista social a variabilidade do comportamento e dos estados subjetivos, i.é, pensamentos, sentimentos, atitudes, segue-se a pergunta: a que atribuir esta variabilidade? Sob a ótica das ciências sociais empíricas existem três aproximações principais para compreender o comportamento e os estados subjetivos (CES – Em Inglês é comum falar em *behavior*, termo que se refere tanto a comportamento aberto quanto a estados subjetivos, i.é, comportamento coberto. Em português a palavra comportamento tem tradicionalmente um sentido mais restrito. À medida que tratamos de ambos os comportamentos neste texto, utilizamos a abreviação ces, buscando abranger comportamento e estados subjetivos.): a) observar o comportamento que ocorre naturalmente no âmbito real; b) criar situações artificiais e observar o comportamento diante das tarefas definidas para essas situações; c) perguntar às pessoas sobre o seu comportamento, o que fazem e fizeram e sobre os seus estados subjetivos, o quê, por exemplo, pensam e pensaram. Cada uma destas três famílias de métodos de conduzir estudos empíricos — observação de comportamento, experimento e *survey* — apresentam vantagens e desvantagens distintas (Kish, 1987). As vantagens e desvantagens são ligadas à qualidade dos dados obtidos, às possibilidades da sua obtenção e à maneira de sua utilização e análise. Apesar das variações dentro das áreas de conhecimento que utilizam estes métodos de pesquisa, podemos afirmar que cada um tem seu ponto forte. O da observação é o

realismo da situação estudada. O do experimento é permitir uma randomização de características das pessoas estudadas e inferências causais. O do levantamento de dados por amostragem ou *survey* assegura melhor representatividade e permite generalização para uma população mais ampla.. Considerando que este artigo trata, predominantemente, da pesquisa qualitativa e de dados qualitativos, convém explicitar que a primeira vertente, observação, inclui registros de CES, como documentos, diários, filmes, gravações, que constituem manifestações humanas observáveis.

O que une os mais diversos métodos e técnicas de pesquisa incluídos nestas três grandes famílias de abordagem é o fato de todos partirem de perguntas essencialmente *qualitativas*. Por que existe variabilidade verificada? Como lidar com a mesma? Quais as suas implicações? Estas perguntas exigem, por sua vez, respostas qualitativas. A variabilidade existe por essa ou aquela razão. Tem essas ou aquelas implicações. Assim, usando números, ou não, na tentativa de se chegar de uma pergunta qualitativa a uma resposta qualitativa, qual seria a diferença entre a pesquisa qualitativa (PQL) e a pesquisa quantitativa (PQN)? Será que se pode argumentar que todo tipo de pesquisa é qualitativa?

Neste artigo, começamos com a apresentação de algumas diferenciações entre a PQL e a PQN. Mostraremos, depois, a complexidade da PQL em termos de pressupostos, coleta, transcrição e análise de dados. A seguir, apontamos critérios de qualidade para a PQL. Concluímos o artigo com implicações para pesquisa, ao se optar para a PQL e/ou a PQN.

DIFERENCIAÇÕES ENTRE A PQL E A PQN

Ao revisar a literatura sobre a PQL, o que chama atenção imediata é o fato de que, freqüentemente, a PQL não está sendo definida por si só, mas em contraponto a PQN. Apresentaremos alguns destes contrastes e comparações. Para organizar as diferenças e similaridades entre a PQL e a PQN, consideramos: a) características da PQL; b) postura

A Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais é publicado pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da UnB.

Sobre o autor: O autor é professor titular no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de Brasília; e-mail para contato: hartmut@unb.br.

O presente texto constitui uma versão preliminar de artigo aceito para publicação na revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol 22.

☞ *Como citar*

Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Série: Textos de Psicologia Ambiental*, N° 07. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

do pesquisador; c) estratégias de coleta de dados; d) estudo de caso; e) papel do sujeito e f) aplicabilidade e uso dos resultados da pesquisa.

Características da PQL

A clássica afirmação de Dilthey (1894) “explicamos a natureza, compreendemos a vida mental” (*apud* Hofstätter, 1957, p. 315) pode ser vista como o ponto de partida para as diferenças entre a PQL e a PQN. A primazia do “compreender a vida mental” reaparece em todas as discussões sobre a natureza da PQL. Qual, então, a natureza da PQL? Quais alguns dos pressupostos desta abordagem?

Flick, von Kardorff e Steinke (2000, p. 22), apresentam quatro bases teóricas: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições “objetivas” [As aspas são do original] de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa. Subseqüentemente (p. 24), estes autores ‘traduzem’ estas bases teóricas em doze características da PQL. Mayring (2002), por outro lado, apresenta treze alicerces da PQL. Agregando estes dois conjuntos, chegamos a cinco grupos de atributos da PQL: a) características gerais; b) coleta de dados; c) objeto de estudo; d) interpretação dos resultados; e) generalização.

Características gerais. Seguindo o pensamento de Dilthey citado acima, Flick e cols. (2000) apontam a primazia da *compreensão como princípio do conhecimento*, que prefere estudar relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis. Uma segunda característica geral é a *construção da realidade*. A pesquisa é percebida como um ato subjetivo de construção. Os autores afirmam que a *descoberta e a construção de teorias* são objetos de estudo desta abordagem. Um quarto aspecto geral da PQL, conforme estes autores, é que apesar da crescente importância de material visual, a PQL é uma *ciência baseada em textos*, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente.

Cabe alertar ao leitor que a primeira destas quatro características pode ser considerada um contraponto artificial. Dificilmente um pesquisador adjetivado como quantitativo exclui o interesse em compreender as relações complexas. O que tal pesquisador defende é que a maneira de chegar a tal compreensão é por meio de explicações ou compreensões das relações entre variáveis. Segundo, sem dúvida, pode-se conceber as múltiplas atividades que compõem o processo de pesquisa como um ato social de construção de conhecimento. A questão não respondida, porém é, ‘qual a correspondência entre o conhecimento socialmente construído e a realidade alheia?’ – supondo, obviamente, que ela exista independentemente do pesquisador. A descoberta e a construção de teorias simplesmente constituem o cerne de qualquer ciência. Uma preferência por material textual é uma legítima opção de procedimento, desde que não se contraponha aos princípios elencados no próximo parágrafo.

Coleta de dados. Tanto Mayring (2002) quanto Flick e cols. (2000) consideram o *estudo de caso* como o ponto de partida ou elemento essencial da PQL. Em ambas as publicações ressaltam-se o *princípio da abertura*. Tal postura vai além da formulação de perguntas abertas. Nas palavras de Mayring (p. 28), “nem estruturas teóricas e hipóteses, nem procedimentos metodológicos devem impedir a visão de aspectos essenciais do objeto [de pesquisa]”. Ao mesmo tempo, enfatiza, que “apesar da abertura exigida, os *métodos são sujeitos a um controle contínuo*.... Os passos da pesquisa precisam ser explicitados, ser documentados e seguir regras fundamentadas” (p. 29). O princípio da abertura se traduz para Flick e cols. (2000) no fato da PQL ser caracterizada por um *espectro de métodos e técnicas*, adaptados ao caso específico, ao invés de um método padronizado único. Ressaltam, assim, que o *método deve se adequar* ao objeto de estudo.

Pode-se argumentar que não somente o controle metodológico, mas também as demais características mencionadas acima, aplicam-se a qualquer tipo de pesquisa. A questão subjacente que se coloca é a seguinte: a partir de que momento do processo de pesquisa vai-se de um caso específico, deixando-se portas abertas para agregar dados não esperados, não se restringindo a um único método padronizado? Ao conceber o processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno complexo a ser compreendido é fácil entender que as peças individuais representem um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas idéias, perguntas e dados. Ao mesmo tempo, a diversidade nas peças deste mosaico inclui perguntas fechadas e abertas, implica em passos predeterminados e abertos, utiliza procedimentos qualitativos e quantitativos.

Objeto de estudo. Para Mayring (2002) a ênfase na *totalidade* do indivíduo como objeto de estudo é essencial para a PQL, i.é, o princípio da *Gestalt*. Além do mais, a concepção do objeto de estudo qualitativo sempre é visto na sua *historicidade*, no que diz respeito ao processo desenvolvimental do indivíduo e no contexto dentro do qual o indivíduo se formou. Tanto Mayring quanto Flick e cols. (2000) sublinham que o ponto de partida de um estudo seja *centrado num problema*, pois a diferenciação entre pesquisa básica e aplicada não é frutífera. Flick e cols. salientam, ainda, que as perspectivas de todos os participantes da pesquisa são relevantes e não apenas a do pesquisador.

A questão do objeto de estudo na PQL nos leva de volta às controvérsias entre a posição da *Gestalt* e dos experimentalistas. A afirmação “o todo é maior do que a soma das suas partes” não significa que não possa ser conveniente, concentrar-se ‘apenas’ numa parte do processo da pesquisa.

Interpretação dos resultados. Tanto Mayring (2002) quanto Flick e cols. (2000) apontam *acontecimentos e conhecimentos cotidianos* como elementos da interpretação de dados. Os acontecimentos no âmbito do processo de pesquisa não são desvinculados da vida fora do mesmo. Isto leva, ainda,

a *contextualidade* como fio condutor de qualquer análise em contraste com uma abstração nos resultados para que sejam facilmente generalizáveis. Implica, ainda, num processo de *reflexão contínua* sobre o seu comportamento enquanto pesquisador e, finalmente, numa *interação dinâmica* entre este e seu objeto de estudo.

Uma distinção mais acentuada entre a PQL e a PQN diz respeito à interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo. No caso da PQN, dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados. Uma inclusão de acontecimentos e conhecimentos cotidianos na interpretação de dados depende, no caso da PQN, da audiência e do meio de divulgação. Ao mesmo tempo em que um nível maior de abstração pode impedir a inclusão do cotidiano, qualquer passo na direção de uma aplicação de resultados necessariamente inclui o dia-a-dia. O mesmo se aplica para a questão do contexto. A reflexão contínua, obviamente, não é específica da PQL; deve acontecer em qualquer pesquisa científica.

Generalização de resultados. A generalização de resultados da PQL passa por quatro dimensões. Mayring (2002) introduz o conceito da *generalização argumentativa*. À medida que os achados na PQL se apóiem em estudo de caso, estes dependem de uma argumentação explícita apontando quais generalizações seriam factíveis para circunstâncias específicas. No caso da PQN, uma amostra representativa asseguraria a possibilidade de uma generalização dos resultados. Relaciona-se a isto a ênfase no *processo indutivo*, partindo de elementos individuais para chegar a hipóteses e generalizações. Entretanto, este processo deve seguir *regras*, que não são uniformes, mas específicas a cada circunstância. Desta maneira, é de suma importância que as regras sejam explicitadas para permitir uma eventual generalização. Finalmente, Mayring não exclui a *quantificação*, mas enfatiza que a função importante da abordagem qualitativa é a de permitir uma quantificação com propósito. Desta maneira, poder-se-ia chegar a generalizações mais consubstanciadas.

Postura pessoal do pesquisador

Uma primeira distinção entre a PQL e a PQN refere-se ao fato de que na PQL há aceitação explícita da influência de crenças e valores sobre a teoria, sobre a escolha de tópicos de pesquisa, sobre o método e sobre a interpretação de resultados. Já na PQN, crenças e valores pessoais não são consideradas fontes de influência no processo científicas. Será mesmo? Considerando que um tema importante da psicologia social é o estudo de atitudes, crenças e valores, a questão não é se valores influenciam CES, inclusive os valores do cientista. O que se coloca é como lidar com esta influência no contexto da pesquisa – seja ela qualitativa ou quantitativa.

Além da influência de valores no processo de pesquisa, há de se constatar um envolvimento emocional do pesquisador com o seu tema de investigação. A aceitação de tal envolvimento caracterizaria a PQL. Já a intenção de controlá-lo, ou sua negação, caracterizariam a PQN. Da mesma maneira que os valores fazem parte da vida humana, o estudo das emoções é assunto importante da

psicologia clínica e da personalidade, razão pela qual, mais uma vez, volta-se à questão mais relevante: como lidar com esta influência no contexto da pesquisa?

Estratégias de coleta de dados

Uma resposta ao problema de como lidar com os valores e o envolvimento emocional do pesquisador com o seu objeto é por meio do controle das variáveis do estudo. O contraponto feito entre a PQL e a PQN é o de estudar um determinado fenômeno no seu contexto natural *versus* estudá-lo no laboratório. A primeira estratégia – da PQL – implica em relativa falta de controle de variáveis estranhas ou, ainda, a constatação de que não existem variáveis interferentes e irrelevantes. Todas as variáveis do contexto são consideradas como importantes. Na segunda estratégia – da PQN – tenta-se obter um controle máximo sobre o contexto, inclusive produzindo ambientes artificiais com o objetivo de reduzir ou eliminar a interferência de variáveis interferentes e irrelevantes. Entre as variáveis irrelevantes e potencialmente interferentes, incluem-se tanto atributos do pesquisador, por exemplo, seus valores, quanto variáveis contextuais ou atributos do objeto de estudo que “não interessam” naquele momento da pesquisa.

Antes de tudo, consideramos essa classificação de variáveis em relevantes e interferentes uma questão estratégica no processo de pesquisa. Em princípio, qualquer variável pode explicar uma parte, mesmo que infinitésima, da variabilidade do fenômeno sob estudo. Entretanto, existem variáveis que por razões teóricas e/ou de experiência prévia são mais promissoras do que outras. Além do mais, por razões práticas, há de se limitar as variáveis estudadas *num mesmo tempo* a um número manejável, seja em termos de recursos – de tempo e dinheiro – por parte do pesquisador, seja da disponibilidade dos participantes da pesquisa. Desta maneira, limitar o número de variáveis estudadas numa determinada pesquisa não implica que as demais variáveis sejam necessariamente consideradas improcedentes – uma boa pesquisa sempre está aberta ao surgimento de novas variáveis e a explicações alternativas do cenário considerado no início da investigação. O fato de se levar em conta mais explicitamente os valores e os demais atributos do pesquisador requer, por parte da PQL, maior detalhamento dos pressupostos teóricos subjacentes, bem como do contexto da pesquisa. Por outro lado, a estandardização dos procedimentos na PQN pode indicar avanço no estabelecimento de um maior grau de intersubjetividade entre pesquisadores que usam um determinado procedimento.

Estudo de caso

O chamado *paradoxo da psicologia* coloca em confronto o estudo aprofundado de um evento individual, objeto de interesse da Psicologia por excelência com a necessidade do estabelecimento de parâmetros para os atributos destes eventos. Por exemplo, médias constituem parâmetros para descrever eventos individuais, mas, tais parâmetros são obtidos somente em estudos que ignoram a individualidade dos eventos. Assim, ao descrever a

individualidade de uma pessoa como agradável, está implícita a resposta à pergunta “em termos de que referencial?” Este referencial pode ser qualitativo: “mais agradável do que fulano” ou pode ser quantitativo: “sete pontos numa escala de 0 a 10”. Seja como for, tais parâmetros referenciais somente são obtidos por meio de investigações mais complexas do que de estudos de caso. Observa-se, assim, que abordagens qualitativas, que tendem a ser associadas a estudos de caso, dependem de estudos quantitativos, que visem gerar resultados generalizáveis, i.é parâmetros. Desta maneira dilui-se a controvérsia entre o estudo de caso, i.é uma investigação aprofundada de uma instância de algum fenômeno, e o estudo envolvendo um número estatisticamente significativo de instâncias de um mesmo fenômeno, a partir do qual seria possível generalizar para outras instâncias. Além do mais, num estudo de caso é possível utilizar tanto procedimentos qualitativos quanto quantitativos.

Papel do sujeito

Mencionou-se, acima, a questão do envolvimento emocional e valorativo do pesquisador com a temática do seu estudo. Deve-se indagar, também, sobre o grau de passividade dos participantes de uma pesquisa. Até que ponto os sujeitos de um estudo são envolvidos na concepção, realização e interpretação de resultados de uma pesquisa? A associação feita é de que um participante ativo supõe uma PQL, já um participante passivo, é “sujeito” de uma PQN. Embora a pesquisa-ação é uma abordagem que permite um papel mais ativo do participante, há de se ressaltar que no desenvolvimento original da pesquisa-ação por parte de Lewin (1982), qualquer abordagem – observacional, experimental, survey, qualitativo, quantitativo – poderia ser utilizada, como demonstrado por Sommer e Amick (2003/1984). Voltaremos à questão da pesquisa-ação e pesquisa participante, mais adiante.

Aplicabilidade e uso da pesquisa.

Existe uma longa controvérsia sobre o valor relativo da natureza da ciência básica *versus* aplicada. A argumentação compreende desde ‘pesquisa sem aplicação é um desperdício’ até ‘gerar conhecimento é um fim em si, qualquer utilidade é secundária’ (Günther, 1986). Por alguma razão pouco clara, a posição da primazia da pesquisa aplicada é associada à PQL e da pesquisa básica à PQN. Esta associação pode estar relacionada ao processo de ‘tradução’ da questão inicialmente qualitativa em estratégias de coleta de dados quantitativos e à (re) tradução dos resultados quantitativos para uma resposta qualitativa.

Subjacente à discussão em torno da pesquisa básica *versus* pesquisa aplicada está a questão da finalidade do conhecimento. Uma postura ativista, conforme a qual a finalidade da ciência seria a de ajudar as pessoas (participantes da pesquisa) a obter autodeterminação seria mais característica da PQL. Por outro lado, a ciência que ‘somente’ contribui para com o avanço do conhecimento aplicável a todas as pessoas – podendo ou não manter o

status quo – seria postulado pela PQN. Não surpreende que essa associação seja mais contestada pelos cientistas naturais, vide, por exemplo, a palestra do físico Res Jost (1995/1970) sobre o conto de fada da torre de marfim.

Sem dúvida, o próprio fato de existirem estas associações indica que pesquisas, de qualquer natureza, não são atividades desvinculadas das características do pesquisador, nem do contexto sociocultural dentro do qual são realizadas. Por outro lado, temos sérias dúvidas quanto à procedência das respectivas associações com a PQL e a PQN. A postura do pesquisador diante do seu objeto de estudo pode levar a estratégias de pesquisa diferentes, mas não significa que um, ou outro, atribua maior valor ao contexto sociocultural da pesquisa. O ato de se abordar indivíduos para que participem em pesquisa demonstra o reconhecimento da sua expertise. Da mesma maneira que é difícil defender a participação de todos os participantes de uma pesquisa em todas as fases da mesma (por exemplo, crianças de cinco anos sendo observadas num playground), o pesquisador deve solicitar e utilizar os comentários dos seus sujeitos sobre a sua pesquisa. O fato de considerar a distinção entre pesquisa aplicada *versus* básica pouca vantajosa no contexto do avanço do conhecimento, torna uma eventual associação destas duas vertentes a PQL e a PQN, respectivamente, ainda menos relevante. Em resumo, os pontos listados acima constituem (devem constituir) preocupações de qualquer pesquisador.

PQL: DELINEAMENTO, COLETA, TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

No início deste artigo, apontamos três aproximações básicas para compreender CES na psicologia: a) observar o comportamento que ocorre naturalmente no âmbito real; b) criar situações artificiais e observar o comportamento diante de tarefas definidas para essas situações; e c) perguntar às pessoas sobre o seu comportamento e seus estados subjetivos. Diante da exposição sobre os pressupostos da PQL fica a pergunta, onde e como técnicas qualitativas específicas se enquadram nesta divisão tripartite? Conforme já afirmado, são características da PQL sua grande flexibilidade e adaptabilidade. Ao invés de utilizar instrumentos e procedimentos padronizados, a PQL considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos. Tal postura requer, portanto, maior cuidado na descrição de todos os passos da pesquisa: a) delineamento, b) coleta de dados, c) transcrição e d) preparação dos mesmos para sua análise específica. Inspirado em Mayring (2002), que organizou seu livro introdutório desta maneira, trataremos de cada um destes quatro passos para o contexto da PQL de maneira separada. Julgamos esta separação útil, uma vez que existem muitas combinações entre os diferentes delineamentos, maneiras de coletar, transcrever e analisar os dados. Frequentemente, manuais da PQL apresentam coleta e análise de dados interligados (por exemplo, Camic, Rhodes e Yardley, 2003; Denzin e Lincoln, 1994).

Mesmo que se considere tal junção interessante, já que mostra a integração entre coleta e análise, tal procedimento tende a ocultar as demais possibilidades de combinar elementos destas técnicas de pesquisa.

Delineamentos da PQL

Mayring (2002) apresenta seis delineamentos da PQL: estudo de caso, análise de documentos, pesquisa-ação, pesquisa de campo, experimento qualitativo e avaliação qualitativa. Para qualquer pesquisador acostumado a trabalhar quantitativamente fica evidente que nenhum destes delineamentos é necessariamente qualitativo.

Estudo de caso. No contexto de um estudo de caso, delimitado como a coleta e análise de dados sobre um exemplo individual para definir um fenômeno mais amplo (Vogt, 1993, p. 30) podem-se coletar e analisar tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Além disto, é concebível observar comportamento no seu contexto natural, criar experimentos que utilizem o sujeito como seu próprio controle (Campbell e Stanley, 1963; Ibrahim, 1979), bem como realizar entrevistas, aplicar questionários ou administrar testes.

Análise de documentos. A análise de documentos é a variante mais antiga para realizar pesquisa, especialmente no que diz respeito à revisão de literatura. Além de procedimentos tradicionais de leitura e resumo de idéias, é possível extrair e sumarizar resultados por meio de meta-análise (e.g., Rosenthal, 1984). A utilização de documentos como fonte sistemática de dados foi iniciada por Leopold von Ranke, o pai da história científica na primeira parte do século 19 (Grafton, 1997). Desde então, desenvolveram-se tanto técnicas mais quantitativas quanto qualitativas para lidar com fontes secundárias e documentais. Dependendo da natureza dos documentos existem as mais diferentes maneiras de encará-los, desde relatos verbais e respostas a perguntas de pesquisadores futuros, até segmentos de texto selecionados como ‘sujeitos’ entre um corpo lingüístico grande, por meio de procedimentos de amostragem.

Pesquisa-ação. Não somente no Brasil a pesquisa-ação foi incorporada ao campo da PQL (*vide* Thiollent, 1985). Num texto que propõe dar uma breve introdução à pesquisa-ação, Newman (2000) sequer faz referência a Lewin, embora a perspectiva original da pesquisa-ação tenha sido a de realizar investigações que contribuam, ao mesmo tempo, para o avanço científico e à transformação social (Lewin, 1982). Conforme apontado por Sommer (1977, Sommer e Amick, 2003/1984), a pesquisa-ação independe da técnica, podendo ser utilizada com experimento, observação ou *survey*. Observa-se, ainda, uma junção entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante (*vide* Brandão, 1985, 1987).

Pesquisa de campo. Esta abordagem engloba, desde a década de 1930, uma ampla variedade de delineamentos desde a sua introdução ao contexto acadêmico por Jahoda, Lazarsfeld e Zeisel (1933). Este estudo é especialmente interessante do ponto de vista do método da PQL, ao mesmo tempo em que se constitui como exemplo de triangulação, i.é, uma integração de diferentes abordagens

e técnicas – qualitativas e quantitativas – num mesmo estudo. O manual de métodos em antropologia cultural (Naroll e Cohen, 1970) inclui a secção ‘processo de pesquisa de campo’ envolvendo desde métodos quantitativos experimentais (e.g., Sechrest, 1970) até procedimentos qualitativos clínicos (Edgerton, 1970). Amplitude semelhante de técnicas pode ser encontrada na obra de Werner e Schoepfle (1987), bem como em outros livros sobre pesquisa de campo.

Experimento qualitativo e avaliação qualitativa. O fato de qualificar experimento e avaliação com o adjetivo ‘qualitativo’ reforça a constatação de que estes procedimentos, além da interpretação tradicional da pesquisa quantitativa, podem incluir uma abordagem qualitativa.

Em suma, nenhum dos seis delineamentos metodológicos comentados acima constitui seara qualitativa ou quantitativa. Num próximo passo, analisaremos elementos do processo de pesquisa – coleta, transcrição e análise de dados – utilizados na PQL.

Coleta de dados na PQL

Para o contexto da PQL, as três maneiras de coleta de dados apontadas por Kish (1987) – observação, experimento e *survey* – podem ser reagrupadas como coleta de dados visuais e verbais. Independente dos delineamentos elencados acima, diferentes técnicas de coleta de dados visuais e verbais podem ser utilizadas. Diante dos objetivos deste artigo, constatamos um grande número de procedimentos em diversos livros da área. Flick (1995) diferencia entre quatro tipos de entrevistas: a) focalizada, b) semi-estandardizada, c) centrada num problema e d) centrada no contexto (e.g., com especialistas ou etnógrafos). Além do mais, aponta três tipos de relatos: a) entrevista narrativa, b) entrevista episódica e c) contos. Descreve, ainda, três tipos de procedimentos grupais: a) entrevista em grupo, b) discussão em grupo e c) narrativa em grupo. No que diz respeito aos procedimentos visuais Flick menciona a) observação, b) observação participante, c) etnografia, d) fotografia e e) análise de filmes. Mayring (2002) descreve quatro maneiras de levantar dados no contexto da PQL: a) dados verbais por meio de entrevista centrada num problema, b) entrevista narrativa, c) grupo de discussão e d) dados visuais por meio da observação participante.

Seguem-se algumas referências em Português e Inglês que tratam de maneiras de coleta de dados com maior detalhe:

Dados verbais:

- Entrevista de maneira geral: Banister, Burman, Parker, Taylor e Tindall (1994), Fontana e Frey (1994);
- Entrevista centrada no problema: Schorn (2000);
- Entrevista episódica: Flick (2002);
- Entrevistas individuais e grupais: Gaskell (2002);
- Entrevista narrativa: Dick (2000), Jovchelovitch e Bauer (2002);

- Entrevista por telefone: Burke e Miller (2001).

Dados visuais:

- Uso de vídeo, filme e fotografias: Loizos (2002), Ratcliff (2003), Neiva-Silva e Koller (2002);

Observações:

- Adler e Adler (1994), Banister e cols. (1994).

Transcrição de dados na PQL

Não apenas na PQL, o passo entre a coleta de dados e a sua análise parece ser o mais ignorado na literatura. Especialmente na PQL, este passo é de suma importância diante da grande variabilidade nas maneiras de coletar dados e da sua não-estandardização. Mayring (2002) diferencia entre a) meios de representação de dados, b) transcrição de dados propriamente dita e c) construção de sistemas descritivos.

Representação de dados. Os meios de representação de dados de qualquer pesquisa são intimamente ligados às técnicas de coleta dos mesmos. Isto é mais evidente no caso de escolher meios visuais: o próprio ato de fotografar ou filmar um determinado evento já inclui a “transcrição” de uma idéia em uma representação, no caso visual. As imagens já se encontram concatenadas.

Transcrição de dados. A transcrição de material verbal pode tomar as mais variadas formas. A maneira mais detalhada é a transcrição literal de uma entrevista gravada com a inclusão de sinais indicando entonações, sotaques, regionalismo e “erros” de fala. É a transcrição mais completa, mais informativa e, também, a mais cara em termos de tempo e de dinheiro. Existe a transcrição comentada, não necessariamente mutuamente excludente da anterior, na qual se registra explicitamente hesitações na fala além das expressões faciais e corporais que acompanham as verbalizações da pessoa. Registros filmados ajudam, consideravelmente, na preparação deste tipo de transcrição. Outra forma de transcrição consiste no protocolo resumido, se bem que este já implique num processamento da informação dentro de algum esquema interpretativo já existente. Os protocolos seletivos, apropriados no caso de muito material, não somente supõem um esquema interpretativo subjacente, mas necessitam ainda mais do que as outras formas, de transcrição e de regras explícitas para a seleção do material.

Construção de sistemas descritivos. Se o meio de representação de dados forma o elo com a técnica da coleta de dados, a construção de sistemas descritivos a partir da transcrição faz o elo com a interpretação dos dados. Embora a PQL seja mais indutiva do que dedutiva, não há como afirmar que a construção de um sistema descritivo seja totalmente livre de perspectivas, valores e emoções de quem prepara um sistema de categorização de eventos. Diante das considerações acima sobre a postura do pesquisador e as estratégias de coleta de dados, uma descrição detalhada dos procedimentos da coleta, da transcrição e da análise de dados é essencial. A *grounded theory* é um exemplo do quanto à transcrição e a

interpretação estão entrelaçadas (Glaser & Strauss, 1967).

Análise de dados na PQL

A variedade de técnicas de análise de dados corresponde à variedade de coleta, embora não exista uma relação direta entre as duas. Mayring (2002) menciona sete maneiras de analisar com dados qualitativos: a) *grounded theory*, b) análise fenomenológica, c) paráfrase social-hermenêutica, d) análise de conteúdo qualitativa, e) hermenêutica objetiva, f) interpretação psicanalítica de textos e g) análise tipológica. No livro de Bauer e Gaskell (2002/2000) há oito capítulos apresentando enfoques analíticos para texto, imagem e som. À medida que os recortes de cunho metodológico-analíticos variam, Camic e cols. (2003) e Denzin e Lincoln (1994) apresentam vários capítulos sobre análise de dados qualitativos. Soma-se a esta diversidade o uso cada vez mais intenso de recursos computacionais na área; no Apêndice são apresentadas algumas referências e *links* para páginas de programas.

CRITÉRIOS DE QUALIDADE DE PESQUISA

O que constitui “pesquisa bem feita”, confiável, merecedora de ser tornada pública para contribuir para o manancial de conhecimento sobre um determinado assunto? Lienert (1989) diferencia entre critérios principais e critérios secundários. Entre os primeiros, constam objetividade, fidedignidade e validade. Entre os segundos, constam utilidade, economia de esforço, normatização e comparabilidade. Seria difícil, se não impossível, verificar a base científica de uma pesquisa por meio de estudos adicionais se a mesma não satisfaz a estes critérios.

Até que ponto estes – ou outros – critérios se aplicam a PQL? Steinke (2000) aponta três posturas quanto à aplicabilidade de critérios de qualidade à PQL. Uma primeira posição rejeita critérios de qualidade. O freqüentemente citado argumento de Feyerabend (1976), segundo o qual “qualquer coisa” vale, parece-nos confortável, entretanto mal compreendido. Diante da multiplicidade de problemas a serem estudados, deve-se adaptar o método à pergunta. Neste sentido, qualquer método que “dê conta do recado” vale. Tal estratégia, porém, não exime o pesquisador de mostrar até que ponto há uma correspondência entre o método escolhido e a pergunta e, muito menos, da indagação sobre a qualidade dos resultados. Raciocínio semelhante aplica-se ao argumento sócio-construtivista contra uma avaliação da PQL: conhecimento e avaliação são parte do processo de criação de conhecimento, resultado de construção social e, portanto, dependente do contexto e dos atores, não constituindo uma realidade à parte. Mesmo assim, há de se reconhecer que parte inerente do processo social da construção de conhecimento é o julgamento dos atores (pesquisadores) em aceitar, ou não, a posição subjetiva do outro.

Uma segunda posição argumenta em favor de critérios específicos da PQL, questionando a aplicabilidade de critérios de qualidade utilizados na PQN. Partindo da

natureza *sui generis* da PQL, podem ser utilizados vários critérios específicos (Steinke, 2000): a *validação comunicativa* implica numa checagem com o participante da pesquisa, no sentido de perguntar se o pesquisador o entendeu corretamente. Na *validação da situação de entrevista* verifica-se até que ponto foi possível estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador e entrevistado. A *triangulação* implica na utilização de abordagens múltiplas para evitar distorções em função de um método, uma teoria ou um pesquisador.

A terceira posição tenta adaptar critérios da PQN para determinar a qualidade da PQL. Miles e Huberman (1994, p. 277-280) apresentam uma série de critérios que constituem tais adaptações. Grunenberg (2001) foi além, ao realizar uma meta-análise de pesquisas qualitativas das áreas da educação e das ciências sociais com o objetivo de verificar a qualidade da PQL. O resultado desta análise foi a criação de uma lista de critérios de qualidade.

Agregando as considerações de Grunenberg, Mayring (2002), Miles e Huberman, bem como as de Steinke (2000), apresentamos os seguintes critérios – formulados em termos de perguntas – para uma análise de até que ponto uma PQL pode ser considerada de boa qualidade.

- As perguntas da pesquisa são claramente formuladas?
- O delineamento da pesquisa é consistente com o objetivo e as perguntas?
- Os paradigmas e os construtos analíticos foram bem explicitados?
- A posição teórica e as expectativas do pesquisador foram explicitadas?
- Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos metodológicos?
- Os procedimentos metodológicos são bem documentados?
- Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos analíticos?
- Os procedimentos analíticos são bem documentados?
- Os dados foram coletados em todos os contextos, tempos e pessoas sugeridos pelo delineamento?
- O detalhamento da análise leva em conta resultados não-esperados e contrários ao esperado?
- A discussão dos resultados leva em conta possíveis alternativas de interpretação?
- Os resultados são – ou não – congruentes com as expectativas teóricas?
- Explicitou-se a teoria que pode ser derivada dos dados e utilizada em outros contextos?
- Os resultados são acessíveis, tanto para a comunidade acadêmica quanto para os usuários no campo?
- Os resultados estimulam ações – básicas e aplicadas – futuras?

Consistente com os princípios tanto da PQL quanto da PQN (i.e., validade), estes critérios podem alcançar algum nível numa gradação *qualitativa*, mas não valor numérico. Há de se lembrar que, sem tais critérios, não existe diálogo

entre resultados de pesquisa – sejam estes de natureza qualitativa ou quantitativa. Sem diálogo entre os resultados, não há como se chegar a uma compreensão – no sentido de Dilthey – da natureza do ser humano.

O capítulo *Making good sense: Drawing and verifying conclusions* do livro de Miles e Huberman (1994, pp. 245-287) apresenta uma análise mais detalhada da *qualidade* das pesquisas qualitativas. Igualmente interessante é a discussão na revista *on-line* “Forum: *Qualitative Social Research*” sobre a questão da qualidade. Esta discussão foi iniciada por Reichertz em 2000 e seguida, em cada número subsequente da revista, de réplicas e tréplicas (*em ordem de publicação*: Breuer, 2000; Huber, 2001; Kiener e Schanne, 2001; Breuer e Reichertz, 2002; Lauken, 2002; Fahrenberg, 2003; Rost 2003; Breuer, 2003).

A ESCOLHA ENTRE A PQL E A PQN

Inicialmente, devemos admitir que não concordamos com a dicotomia de Dilthey quando afirmou “explicamos a natureza, compreendemos a vida mental”. O ser humano e, portanto, sua vida mental faz parte da natureza; desta maneira, encontra-se em constante interface com a natureza. Conseqüentemente, a ciência do ser humano e da sua vida mental consiste em um esforço concomitante de explicar e compreender. Mais enfaticamente, explicação e compreensão dependem uma da outra, são impossíveis uma sem a outra.

Para o processo de investigação científica tal perspectiva implica que o pesquisador, enquanto consumidor de pesquisa, na fase da revisão de literatura, não se deve restringir a resultados frutos de uma determinada abordagem, ignorando ou, até, vilificando as demais, muitas vezes por falta de conhecimento.

Enquanto participante do processo de construção de conhecimento, idealmente, o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Do ponto de vista prático existem razões de ordem diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem, ou outra.

Assim como é difícil ser fluente em mais de uma cultura e língua, é igualmente difícil aproximar-se de a um tema de pesquisa a partir de paradigmas distintos. Turato (2004) alerta para uma “lamentável indiferença à real não-harmonia dos paradigmas” (p. 22), argumentando contra abordagens que combinam métodos qualitativos e quantitativos. Nós ressaltamos, entretanto, que uma abordagem mista não necessariamente implica numa algaravia metodológica.

Um primeiro argumento em favor de um determinado método está implícito no *princípio da abertura* (veja p. 5), na escolha de um método adequado para a pergunta que está sendo estudada. À medida que perguntas de pesquisa freqüentemente são multifacetadas, comportam mais de um método. Assim, uma segunda consideração, obviamente, é a da competência específica do pesquisador. Cabe ressaltar que tal competência deve incluir a sabedoria

quando for apropriado, de não realizar uma pesquisa por extrapolar determinadas habilidades, ao invés de modificar a pergunta em função da sua competência.

Considerações mais *objetivas* incluem recursos disponíveis: quanto tempo existe para realizar a pesquisa e preparar o relatório com os resultados? Que incentivos estão sendo disponibilizados para contratar colaboradores e assistentes de pesquisa? Quais os recursos materiais (gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras, computadores) existentes? Qual o acesso à população a ser estudada?

Em suma, a questão não é colocar a PQL *versus* a PQN, não é decidir-se pela PQL *ou* pela PQN. A questão tem implicações de natureza prática, empírica e técnica. Considerando os recursos materiais, temporais e pessoais disponíveis para lidar com uma determinada pergunta científica, coloca-se para o pesquisador e para a sua equipe a tarefa de encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica que permite, num mínimo de tempo, chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno e para o avanço do bem-estar social.

REFERÊNCIAS

- Adler, P. A., & Adler, P. (1994). Observational techniques. Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 377-392). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Banister, P., Burman, E., Parker, I., Taylor, M., & Tindall, C. (1994). *Qualitative methods in psychology: A research guide*. Buckingham: Open U Press.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Eds.). (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes (original 2000).
- Brandão, C. R. (org.). (1985). *Pesquisa participante* (5ª ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Brandão, C. R. (org.). (1987). *Repensando pesquisa participante* (3ª ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Breuer, F. (2000). Über das In-die-Knie-Gehen vor der Logik der Einwerbung ökonomischen Kapitals - wider bessere wissenssoziologische Einsicht. Eine Erregung. Zu Jo Reichertz: Zur Gültigkeit von Qualitativer Sozialforschung [Bending the knee to the acquisition of economical resources—against deeper epistemological insights. Reply to: On the problem of validity of qualitative research]. *Forum: Qualitative Social Research*, 1(3). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/3-00/3-00breuer-d.htm [acesso 17 nov 2004].
- Breuer, F. (2003). Qualitative und quantitative Methoden: Positionen in der Psychologie und deren Wandel. Ein Kommentar zu Texten von Jochen Fahrenberg und Jürgen Rost [Qualitative and quantitative methods: Positions and position changes in psychology. A comment on texts by Jochen Fahrenberg and Jürgen Rost]. *Forum: Qualitative Social Research*, 4(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-03/2-03breuer-d.htm [acesso 17 nov 2004].
- Breuer, F., & Reichertz, J. (2002). Standards of Social Research. *Forum: Qualitative Social Research*, 2(3). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/3-01/3-01breuerreichertz-e.htm [acesso: 17 nov 2004].
- Burke, L. A., & Miller, M. K. (2001). Phone interviewing as a means of data collection: Lessons learned and practical recommendations. *Forum: Qualitative Social Research*, 2(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-01/2-01burkemiller-e.htm [acesso 22 de setembro de 2004].
- Camic, P. M., Rhodes, J. E., & Yardley, L. (Eds.). (2003). *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Campbell, D. T., & Stanley, J. C. (1963). *Experimental and quasi-experimental designs for research*. Chicago, IL: Rand McNally.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dick, M. (2000). The application of narrative Grid interviews in psychological mobility research. *Forum: Qualitative Social Research*, 1(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-00/2-00dick-e.htm [acesso: 22 de setembro de 2004].
- Edgerton, R. B. (1970). Method in psychological anthropology. Em R. Naroll & R. Cohen (Eds.), *A handbook of method in cultural anthropology* (pp. 338-352). New York: Columbia U Press.
- Fahrenberg, J. (2003). Interpretationsmethodik in Psychologie und Sozialwissenschaften – neues Feld oder vergessene Traditionen? [Interpretation in psychology and social science—new approach or a neglected tradition?]. *Forum: Qualitative Social Research*, 4(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-03/2-03fahrenberg-d.htm [acesso 17 nov 2004].
- Feyerabend, P. (1976). *Wider den Methodenzwang – Skizze einer anarchistischen Erkenntnistheorie* [Contra a obrigatoriedade metodológica – esboço de uma epistemologia anarquista]. Frankfurt: Suhrkamp.
- Flick, U. (1995). *Qualitative Forschung: Theorie, Methoden, Anwendung in Psychologie und Sozialwissenschaften* [Pesquisa qualitativa: teoria, métodos, aplicação na psicologia e nas ciências sociais]. Reinbek, Alemanha: Rowohlt.
- Flick, U. (2002). Entrevista episódica. Em M. W. Bauer, & G. Gaskell, G. (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 114-136). Petrópolis: Vozes.
- Flick, U., von Kardorff, E., & Steinke, I. (Eds.). (2000). Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick [O que é pesquisa qualitativa? Uma introdução.]. Em U. Flick, E. von Kardorff, & I. Steinke, *Qualitative Forschung: Ein Handbuch* [Pesquisa qualitativa – um manual], (pp. 13-29). Reinbek, Alemanha: Rowohlt.
- Fontana, A., & Frey, J. H. (1994). Interviewing: The art of science. Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 361-376). Thousand

Oaks, CA: Sage.

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. Em M. W. Bauer, & G. Gaskell, G. (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis: Vozes.

Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.

Grafton, A. (1997). *The footnote: A curious history*. Cambridge, MA: Harvard U Press.

Grunenberg, H. (2001). Die Qualität qualitativer Forschung. Eine Metaanalyse erziehungs- und sozialwissenschaftlicher Forschungsarbeiten [A qualidade da pesquisa qualitativa. Uma meta-análise de trabalhos de pesquisa das áreas de educação e ciências sociais]. Marburg, Alemanha: Philipps-Universität, Faculdade de Educação, Dissertação de Diploma. [O texto do trabalho completo está disponível pelo URL <http://www.maxqda.de/maxqda/downloads/grunenberg.pdf>].

Günther, I. A. (1986). Pesquisa para conhecimento ou pesquisa para decisão? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 1(1), 75-78.

Hofstätter, P. R. (1957). *Psychologie*. Frankfurt: Fischer.

Huber, A. (2001). Die Angst des Wissenschaftlers vor der Ästhetik. Zu Jo Reichertz: Zur Gültigkeit von Qualitativer Sozialforschung [The scientist's fear of aesthetics. Reply to Jo Reichertz' "On the problem of validity of qualitative research"]. *Forum Qualitative Social Research*, 2(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-01/2-01huber-d.htm [acesso 17 nov 2004].

Ibrahim, M. A. (Ed.). (1979). The case-control study: Consensus and controversy [número especial]. *Journal of Chronic Diseases*, 32(1).

Jahoda, M., Lazarsfeld, P., & Zeisel, H. (1933). *Die Arbeitslosen von Marienthal: Ein soziographischer Versuch über die Wirkungen langandauernder Arbeitslosigkeit* [Os desempregados de Marienthal: um estudos dos efeitos de desemprego de longa duração]. Leipzig: Hirzel.

Jost, R. (1995). Das Märchen vom elfenbeinernen Turm [O conto de fada da torre de marfim]. Em K. Hepp, W. Hunziker & W. Kohn (Eds.), *Res Jost – Das Märchen vom elfenbeinernen Turm: Reden und Aufsätze* [Res Jost - O conto de fada da torre de marfim: palestras e ensaios] (pp. 261-270). Berlin: Springer.

Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. Em M. W. Bauer, & G. Gaskell, G. (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes

Kiener, U., & Schanne, M. (2001). Kontextualisierung, Autorität, Kommunikation. Ein Beitrag zur FQS-Debatte über Qualitätskriterien in der interpretativen Sozialforschung [Contextualization, authority, communication. Some remarks on the FQS debate "Quality of qualitative research"]. *Forum Qualitative Social Research*, 2(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-01/2-01kienerschanne-d.htm [acesso 17 nov 2004].

texte/2-01/2-01kienerschanne-d.htm [acesso 17 nov 2004].

Kish, L. (1987). *Statistical design for research*. New York: Wiley.

Laucken, U. (2002). Quality criteria as instruments for political control of sciences. *Forum: Qualitative Social Research*, 3(1). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-02/1-02laucken-e.htm [acesso 17 nov 2004].

Lewin, K. (1982). *Aktionsforschung und Minderheitenprobleme* [Pesquisa-ação e problemas de minorias], vol 7 da Edição completa da obra de Lewin, editada por C.-F. Graumann). Bern: Huber.

Lienert, G. A. (1989). *Testaufbau und Testanalyse* [Construção e análise de testes]. München: Psychologie Verlags Union.

Loizos, P. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. Em M. W. Bauer, & G. Gaskell, G. (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 137-155). Petrópolis: Vozes

Mayring, Ph. (2002). *Einführung in die qualitative Sozialforschung* [Introdução a pesquisa social qualitativa], 5ª ed. Weinheim: Beltz.

Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook* (2ª ed). Thousand Oaks, CA: Sage.

Naroll, R., & Cohen, R. (Eds.). (1970). *A handbook of method in cultural anthropology*. New York: Columbia U Press.

Neiva-Silva, L., & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 237-250.

Newman, J. M. (2000). Action research: A brief overview. *Forum: Qualitative Social Research*, 1(1). <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-00/1-00newman-e.htm> [acesso: 18 de setembro de 2004].

Ratcliff, D. (2003). Video methods in qualitative research. Em P. M. Camic, J. E. Rhodes, & L. Yardley (Eds.), *Qualitative research in psychology: Expanding perspectives in methodology and design* (pp. 113-129). Washington, DC: American Psychological Association

Reichertz, J. (2000). Zur Gültigkeit von Qualitativer Sozialforschung [On the problem of validity of qualitative research]. *Forum: Qualitative Social Research*, 1(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs/fqs-d/2-00inhalt-d.htm [acesso 18 de setembro de 2004].

Rosenthal, R. (1984). Meta-analytic procedures for social research. *Applied Social Research Methods Series*, 6. Newbury Park, CA: Sage.

Rost, J. (2003). Zeitgeist und Moden empirischer Analysemethoden [Zeitgeist and fashions in the analysis of empirical data]. *Forum: Qualitative Social Research*, 4(2). URL: www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-03/2-03rost-d.htm [acesso 17 nov 2004].

Schorn, A. (2000). The "Theme-centered Interview": A Method to decode manifest and latent aspects of

subjective realities. *Forum: Qualitative Social Research*, 1(2). URL: <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-00/2-00schorn-e.htm> [acesso: 22 de setembro de 2004].

Sechrest, L. (1970). Experiments in the field. Em R. Naroll & R. Cohen (Eds.), *A handbook of method in cultural anthropology* (pp. 196-209). New York: Columbia U Press.

Sommer, R. (1977). Action Research. Em D. Stokols (Ed.), *Perspectives on environment and behavior: Theory, research, and application* (pp. 195-203). New York: Plenum.

Sommer, R., & Amick, T. (2003). *Pesquisa - Ação: Ligando Pesquisa à Mudança Organizacional* (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, N° 04; Tradução Hartmut Günther). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. (Originalmente publicado em 1984).

Steinke, I. (2000). Gütekriterien qualitativer Forschung [Critérios de qualidade de pesquisa qualitativa]. Em U. Flick, E. von Kardorff, & I. Steinke (Eds.), *Qualitative Forschung: Ein Handbuch* [Pesquisa qualitativa – um manual], (pp. 319-331). Reinbek, Alemanha: Rowohlt.

Thiollent, M. (1985). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez Editora.

Turato, E. R. (2004). A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. Em S. Grubits & José A. V. Noriega (Orgs.), *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação* (pp. 17-51). São Paulo, SP: Vetor Editora.

Vogt, W. P. (1993). *Dictionary of statistics and methodology: A nontechnical guide for the social scientist*. Newbury Park, CA: Sage.

Werner, O., & Schoepfle, G. M. (1987). *Systematic fieldwork* (Vols. 1-2). Newbury Park, CA: Sage.

Apêndice

Seguem alguns *links* para recursos computacionais para a análise de dados qualitativos. À medida que existe grande diversidade na coleta e análise de dados, não surpreende a existência de vários programas.

Um bom ponto de partida é a página do *Computer Assisted Qualitative Data Analysis* (CAQDAS) Networking Project, <http://caqdas.soc.surrey.ac.uk/>, que apresenta, no seu sítio uma comparação de seis importantes programas computacionais: ATLAS.ti, HyperRESEARCH, MAXqda, N6, NVivo, Qualrus.

À primeira vista, estes programas oferecem recursos muito semelhantes, como análise de dados não somente textuais, mas também gráficas, áudio e vídeo, bem como interface com SPSS ou EXCEL. As páginas dos programas na Internet frequentemente trazem *links* para textos sobre pesquisa qualitativa. A maioria dos programas tem interface em inglês, o MAXqda também tem interface em alemão e espanhol. O programa Alceste, desenvolvido na França, difere dos demais por ser orientado mais diretamente para uma análise de conteúdo, tendo versões com interface em francês e inglês.

A revista online *Forum: Qualitative Social Research* traz em maio de 2002 um número especial sobre o uso de tecnologia no processo de pesquisa qualitativa. A URL deste número é www.qualitative-research.net/fqs/fqs-e/inhalt2-02-e.htm

Links para Programas

ATLAS.ti – www.atlasti.de

HyperRESEARCH – www.researchware.com/

MAXqda – www.maxqda.com/maxqda-eng/start.htm (inglês) ou www.maxqda.com/maxqda-spa/ (espanhol).

N6 e NVivo – www.qsrinternational.com/index.htm.

Qualrus – www.qualrus.com/Qualrus.shtml

Alceste – <http://www.image.cict.fr/>

Duas revista *online* e de acesso gratuito para pesquisa qualitativa:

Forum: Qualitative Social Research – URL: www.qualitative-research.net

The Qualitative Report – URL: www.nova.edu/ssss/QR/